

Wilhelm Dilthey – O Filósofo das Ciências Humanas¹

Wilhelm Diltheys – Der Philosoph der Geisteswissenschaften

Prof. Dr. Hans-Ulrich Lessing
Ruhr-Universität Bochum²

RESUMO

O impulso filosófico fundamental de Dilthey é uma fundamentação filosófica das ciências humanas. Ele segue esse projeto de uma “Crítica da Razão Histórica”, como ele chegou a chamar seu plano, desde a metade dos anos 60 do século XIX até o final de sua vida em 1911. Essa intenção de uma fundamentação das ciências do homem, da sociedade e da história remete à confrontação da Escola Histórica, cujos representantes principais Dilthey conheceu durante sua época de estudante em Berlim, com o positivismo franco-inglês, ou seja, o empirismo de Comte, Mill e Buckle. O presente texto procura apresentar e comentar detalhadamente esse projeto, que encontrou sua forma mais madura na obra tardia *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas* (1911).

PALAVRAS-CHAVE

Fundamentação filosófica das ciências humanas; Crítica da Razão Histórica; Dilthey

ZUSAMMENFASSUNG

Diltheys philosophischer Grundimpuls ist eine philosophische Grundlegung der Geisteswissenschaften. Er verfolgt dieses Projekt einer „Kritik der historischen Vernunft“, wie

¹ Tradução do original alemão de Eduardo Henrique Silveira Kisse, revisão técnica Roberto S. Kahlmeyer-Mertens.

² Email: Hans-Ulrich.Lessing@ruhr-uni-bochum.de

er seinen Plan auch genannt hat, seit Mitte der sechziger Jahre des 19. Jahrhunderts bis zu seinem Lebensende 1911. Diese Absicht einer Begründung der Wissenschaften vom Menschen, der Gesellschaft und der Geschichte geht zurück auf die Konfrontation der Historischen Schule, deren Hauptvertreter Dilthey noch während seines Studiums in Berlin erlebt hatte, mit dem französisch-englischen Positivismus bzw. Empirismus von Comte, Mill und Buckle. Der Aufsatz versucht dieses Projekt, das seine reifste Gestalt in dem Spätwerk *Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften* (1911) gefunden hat, detailliert vorzustellen und zu kommentieren.

SCHLÜSSELDWÖRTER

philosophische Grundlegung der Geisteswissenschaften; Kritik der historischen Vernunft; Dilthey

1.

No dia 14 de Maio de 1884 escreve a mulher do amigo de Dilthey, o Conde Paul Yorck von Wartenburg, a seu irmão: “Os Dilthey vêm no dia de Pentecostes como todos os anos. Ele não tem nada na cabeça a não ser seus escritos filosóficos, que são todos realmente chatos, e infelizmente contagia Paul com esse negócio. Eu quase quero dizer: O que é que eu ganho com isso?! Mas eu o digo *baixo*...” (GRÜNDER, 1970, p.111).

E, de fato, Dilthey era uma pessoa, cujo pensamento circulava quase que exclusivamente em torno de seu trabalho científico. Como nenhum outro, ele representou na história de sua vida o tipo do professor alemão no século XIX. Quase toda a sua vida foi dedicada à pesquisa e ao ensino, bem como ao intercâmbio de pensamento com outros amigos estudiosos. Praticamente tudo era subordinado ao seu trabalho inquieto: sua vida privada e familiar ficava em segundo plano em relação ao primado da pesquisa; viagens de lazer eram utilizadas para o trabalho em projetos de pesquisa já iniciados; suas cartas, mesmo aquelas à família e à noiva, serviam quase sempre também para noticiar sobre trabalhos pendentes ou sobre a perspectiva de novos projetos.

Dilthey era um intelectual à moda antiga, que hoje não seria mais pensável nessa forma. Ele tinha uma instrução e um interesse universais e participava não apenas no desenvolvimento da filosofia e das diferentes ciências humanas, mas também se ocupava com as ciências da natureza modernas, especialmente com a fisiologia.

O período de vida de Dilthey se estende de Biedermeier às vésperas da Primeira Guerra; quando nasceu, Hegel já estava morto há dois anos e Goethe

há um ano e meio. No seu tempo de vida aconteceram muitos desenvolvimentos significativos, quando não até revolucionários em sentido político, econômico, científico-natural e técnico ou cultural: a Revolução de Março de 1848, a Guerra Prússia-Áustria-Dinamarca de 1864, a Guerra Áustria-Prússia de 1866, a Guerra Franco-Alemã de 1870/71, a Fundação do Império de 1871, o Guilherminismo, o Gründerzeit, o crescimento em ritmo acelerado das ciências da natureza que trazia consigo uma série de descobertas e inovações técnicas, bem como a troca de estilo na arte e na literatura do romantismo tardio do Biedermeier, passando pelo realismo, para o naturalismo e o impressionismo.

Wilhelm Dilthey conta – ao lado de Friedrich Nietzsche e Edmund Husserl – como um dos mais importantes filósofos alemães da segunda metade do século XIX e do início do século XX. Seu nome está fortemente conectado com as ciências humanas, a hermenêutica, o desenvolvimento de uma psicologia não naturalista e compreensiva e a concepção de uma tipologia das visões de mundo. Sua vasta obra, que hoje soma vinte e seis volumes das *Obras Reunidas*, é de grande repercussão também internacional.³ Não apenas na filosofia, mas também principalmente na germanística e na história, suas teses são discutidas até hoje. Seus escritos foram traduzidos em diversas importantes línguas, de tal modo que no presente momento existam, entre outras, edições americanas, francesas, russas, japonesas, espanholas e portuguesas da sua obra, bem como uma série de traduções em italiano.

Dilthey apresenta uma filosofia da vida histórico-hermenêutica, e aos conceitos de base da sua filosofia contam “vida”, “vivenciar”, “vivência”, “compreensão”, “estrutura” e “contexto”.

A obra da vida de Dilthey abrange livros e tratados sobre várias das disciplinas filosóficas centrais, especialmente sobre teoria do conhecimento, lógica e metodologia, sobre ética, sobre estética, sobre poética, teoria das concepções de mundo bem como sobre pedagogia e psicologia, que à sua época ainda pertenciam à filosofia. Além disso, ele pesquisava nos âmbitos da história da filosofia, do espírito e da literatura e se ocupava como biógrafo.

³ No presente artigo optamos pelo uso das *Obras Reunidas* de Dilthey (Ges. Schr. editadas por B. Groethuysen et alii, 26 volumes. Leipzig e Berlim, 1914 e seguintes; Stuttgart/Göttingen, 1957 e seguintes; Göttingen, 1970 e seguintes). As obras de Dilthey aqui referenciadas seguirão sob indicação de (em algarismos romanos) volume e de (em algarismos árabes) páginas. Do *Prefácio à Introdução às Ciências Humanas* (Ges. Schr. I) com a numeração das páginas em algarismos romanos minúsculos. Destaques nos textos citados serão reproduzidos com recurso de cursivo.

Da sua obra sobressaem três projetos de vida, que mantiveram por muitos anos sua biografia científica a todo fôlego: um biográfico, um histórico-espiritual e um sistemático-filosófico.

No início da sua carreira acadêmica, está a lida com a vida e a obra do teólogo protestante e filósofo Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, que resultou em 1870 na publicação do primeiro volume de uma grande biografia, intitulada *Vida de Schleiermacher*. Essa história de vida, extensiva e trabalhada a fundo, é ao mesmo tempo uma história brilhante do espírito e da cultura da segunda metade do século XIX na Alemanha. Ela se tornou, para muitos, modelo de pesquisa biográfica e paradigma de descrição científica de vida. Apesar do intensivo trabalho por vários anos, Dilthey não gozou da finalização do segundo volume da biografia, já planejado e anunciado. O volumoso material póstumo sobre esse volume foi publicado apenas em 1966 no volume 16 das *Obras Reunidas*.

Ao final de sua vida, se encontra o projeto dos *Estudos sobre a História do Espírito Alemão*, ao qual Dilthey passou a se dedicar pouco antes da virada do século. Ele tinha a intenção de apresentar o desenvolvimento das ciências, da filosofia, da literatura e da música na Alemanha dos princípios do tempo germânico até o presente. Apesar de ele poder recorrer a uma série de trabalhos já iniciados e, na sua idade, - naquele momento ele já havia passado dos 70 anos - ainda desenvolver uma grande produtividade, não conseguiu neste caso levar o projeto até uma conclusão. Ficou um grande fragmento. No seu espólio se encontram, para além dessas pretensões de pesquisa, que são hoje de pouco interesse e determinados temporalmente pelo projeto de trabalho de Dilthey, milhares de páginas de manuscritos, que foram publicadas apenas em parte em um volume individual e no terceiro volume das *Obras Reunidas*.

No meio da sua obra de vida, não apenas em termos biográficos, mas especialmente sistemáticos, se encontra o projeto de uma fundamentação filosófica das ciências humanas, que ele quis realizar com a sua obra principal, a *Introdução às Ciências Humanas*. O primeiro volume dessa obra foi publicado em 1883 e continha uma introdução substancial à temática, juntamente com bases de sua teoria das ciências humanas, bem como uma grande apresentação de uma história da fundamentação metafísica das ciências humanas. O segundo volume planejado para a *Introdução*, que deveria conter a fundamentação epistemológica, lógica e metodológica, permaneceu do mesmo modo não escrito como o segundo volume da *Vida de Schleiermacher*. Dilthey publicou diversos tratados sobre problemas históricos e sistemáticos e deixou para trás inúmeras elaborações, manuscritos de pesquisa, projetos e fragmentos sobre o tema de uma filosofia das ciências humanas, que apenas em 1982 foi publicada

na seleção do volume 19 das *Obras Reunidas* no âmbito da reconstrução da parte sistemática do segundo volume da *Introdução*.

Dilthey designou esse projeto de uma fundamentação das ciências humanas, com o qual seu nome está associado do modo mais forte possível, também - a exemplo de Kant - como "Crítica da Razão Histórica". Assim como Kant com sua *Crítica da Razão Pura* fundamentou as ciências matemáticas da natureza, Dilthey também pretendia de maneira plena fundamentar filosoficamente as ciências humanas, i.e. as ciências da realidade sócio-histórica. Mas, diferente de Kant e dos outros epistemólogos modernos, colocava no lugar do sujeito do conhecimento "puro", i.e. pensado intelectualistamente, abstrato e a-histórico, a vida, i.e. o homem concreto, completo e caracterizado por sua historicidade. (LESSING, 1984).

Em uma famosa passagem de sua obra principal, Dilthey expressou muito palpavelmente essa diferença de sua "filosofia da vida" em relação às principais correntes da epistemologia da Modernidade da seguinte maneira: "Quando se prescinde de abordagens poucas e não consideradas para a educação científica, como as de Herder e Wilhelm von Humboldt, então a epistemologia de até agora, tanto a empírica quanto a de Kant, explicou a experiência e o conhecimento a partir de um fato pertencente à mera representação. Nas veias do sujeito cognoscente que Locke, Hume e Kant construíam, corria não sangue verdadeiro, mas o suco diluído da razão como mera atividade do pensamento. Mas a vida tanto histórica quanto psicológica com o homem completo me levou, na multiplicidade de suas forças, a fundamentar esse ser volitivo, sensitivo e representativo também na explicação do conhecimento e seus conceitos (tais como mundo exterior, tempo, substância e causa)." (DILTHEY, 1914; DILTHEY, 1977). A vida não é uma potência metafísica, mas o primeiro e último fato do filosofar mesmo. De acordo com Dilthey, ela é caracterizada por multilateralidade e impossibilidade de não se poder fundamentá-la, e é para o pensamento, que ele conceitua como uma função da vida, ineludível.

A filosofia das ciências humanas de Dilthey é sem dúvida sua realização mais significativa, que também ainda hoje é de grande eminência e atualidade. Com ela, ele persegue a meta de determinar a essência das ciências humanas e delimitar essas ciências das ciências naturais de modo seguro bem como fundamentar um "conhecimento universal do mundo histórico" (DILTHEY, 1927, p. 152), e/ou investigar as condições da universalidade do compreender histórico e cultural. Dilthey não conta ainda como ciências humanas não apenas - como hoje de maneira corrente - as ciências interpretativas, ou seja, a teologia, as filologias, a história da arte e a ciência histórica. Também ciências sociais, do

direito e econômicas pertencem, de acordo com a sua concepção, às ciências do homem.

Ao lado dessa vasta empresa de investigação, a obra de Dilthey abrange outras publicações de significância, que se relacionam em um sentido amplo a esse projeto tanto ambicioso quanto pleno. Eu menciono apenas o tratado sobre poética, *O Fazer do Poeta* de 1887, bem como seus grandes trabalhos sobre a fundamentação de uma psicologia descritiva, as *Ideias Sobre Uma Psicologia Descritiva e Analítica* de 1894 e as *Contribuições para o Estudo da Individualidade* de 1896. Além disso deve-se mencionar os volumosos estudos histórico-espirituais e histórico-científicos sobre a filosofia moderna, que ele publicou a partir do início dos anos noventa. Ademais, Dilthey publicou em 1905 uma *História da Juventude de Hegel*, bem como em 1906 uma coletânea de importantes dissertações histórico-literárias sobre Lessing, Goethe, Novalis e Hölderlin, que, sob o título programático de *A Vivência e A Poesia*, era de significativa influência para a germanística, mas que também era lida pela burguesia letrada. Juntam-se a isso ainda o escrito *A essência da Filosofia* de 1907 e finalmente o tratado de grande influência *Os Tipos da Concepção de Mundo e seu Desenvolvimento nos Sistemas Metafísicos* de 1911, por meio dos quais inúmeras tipologias foram incentivadas na ciência da literatura e da arte, mas também na psicologia.

19

2.

Por volta do final de sua vida, Dilthey procurou trazer, com o seu grande tratado acadêmico *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas* de 1910 (DILTHEY, 1927, p. 77-188), suas reflexões sobre uma filosofia das ciências do homem a uma conclusão. Mas também neste caso não lhe foi permitido fechar a anunciada segunda parte da *Construção*, que deveria conter a teoria do método das ciências humanas propriamente ditas. Apesar de ter permanecido fragmentária, a *Construção* é a contribuição diltheyana mais importante para a teoria das ciências humanas e é ainda hoje de grande significado.

O problema de base científico-filosófico de Dilthey são os fundamentos epistemológicos, lógicos e metodológicos das ciências humanas. E sua pergunta filosófica fundamental é: Como são fundamentadas as ciências humanas, i. e. as ciências do homem, da sociedade e da história, como um – e, em verdade, não apenas em termos metódicos – grupo de ciências autônomo e independente das naturais? A colocação dessa pergunta ganha grande significado, por um lado, de acordo com a consideração de Dilthey, porque o conhecimento das tendências e forças que agem na sociedade bem como das causas de distúrbios

sociais se tornou uma “pergunta da vida para a nossa civilização”. (DILTHEY, 1914, p. 4). Por outro lado, ele quer combater com o seu trabalho de pesquisa as correntes filosóficas que se poderia de modo simplificado indicar como positivismo, cujas características comuns consistem em naturalizar as ciências do homem, i.e. transpor o método das ciências da natureza para as ciências humanas e, com isso, suspender a autonomia desse grupo de ciências e, assim, também a do seu objeto de investigação.

Na base da colocação da pergunta de Dilthey e da busca pela resposta está a convicção de uma diferença sistemática entre natureza e mundo espiritual, i.e. o pensamento fundamental, de que a natureza e o mundo espirituais, ou seja, cultura e história sejam separados por meio de uma diferença fundamental da natureza: A natureza é para nós - como Dilthey diz - “muda” e estranha; o mundo espiritual, por contraposição, é sensível e com significado, é o nosso mundo. Porque nós somos um elemento desse mundo e, estando nele, estamos em casa, ele pode ser entendido. A natureza, por oposição, nos permanece incompreensível, ela pode ser explicada apenas com a ajuda de sentenças causais.

Enquanto a natureza é estruturada por meio de relações causais puras, a realidade espiritual ou cultural é, no contrário, caracterizada por meio de liberdade e historicidade. Daí ser a “construção” das ciências da natureza e do homem diferente, e, conseqüentemente, - segundo a tese de base diltheyana - também o método das ciências humanas tem que ser outro que o das ciências naturais.

Esse problema de uma abrangente fundamentação filosófica das ciências humanas ocupa Dilthey - como já mencionado - por quase toda a sua vida científica. Em sempre novas tentativas ele tentou elaborar uma filosofia das ciências humanas, sem, contudo, conseguir completar seu projeto muito ambicioso e aparentemente exageradamente tenso de uma fundamentação.

Na elaboração da teoria de Dilthey, distinguem-se a bruto modo duas fases. A primeira é construída pelo que circunda a sua obra *Introdução às Ciências Humanas* (meados da década de 70 até 1896), cujo primeiro - e único - volume foi publicado em 1883; a segunda fase pelo já mencionado grande tratado acadêmico tardio *A Construção do Mundo Histórico das Ciências Humanas* (1910) e pelos textos que surgiram na preparação ou na intenção da continuação planejada deste escrito (1904-1911).

Posto que a fundamentação sistemática das ciências humanas, que abarca uma epistemologia, uma lógica e uma teoria do método, e que deveria constituir o cerne do segundo volume da *Introdução*, que não foi levado ao fim, exceto por algumas redações publicadas da sua circunscrição sistemática e de

uma série de rascunhos de disposição, projetos e elaborações que se encontravam no espólio deixado, me orientarei a seguir extensivamente pela composição tardia da filosofia das ciências humanas de Dilthey e buscarei apresentar os pensamentos essenciais, que talvez nem sempre sejam fáceis de se seguir.

No ponto central das considerações e análises de Dilthey está a tentativa de se produzir um conceito de ciências humanas bem como elaborar a diferenciação do construir nas ciências naturais e nas humanas e a estrutura lógico-metodológica das ciências humanas. Sua empreitada de fundamentação tem parte tanto de uma filosofia da vida quanto de uma hermenêutica, se encontrando seu ponto de partida na vida e na compreensão (DILTHEY, 1927, p. 117), e Dilthey procura mostrar que e como as ciências humanas são fundadas na vivência e na compreensão. (DILTHEY, 1927, p. 118).

Dilthey inicia o ponto de partida das suas discussões com o fato de que, paralelamente às ciências da natureza, se desenvolveu um grupo de ciências, na verdade “saídas da natureza, da tarefa da vida mesma”, e que estão entrelaçadas por meio de um objeto em comum. Esse objeto em comum é “a raça humana” (DILTHEY, 1927, p. 79) ou a “humanidade ou a realidade humano-social-histórica”. (DILTHEY, 1927, p. 81).

Deste modo, o “tipo da relação” a esse “fato da humanidade” (DILTHEY, 1927, p. 81) que vige nas ciências humanas é decisivo para o avanço da análise e a tentativa de se apresentar um conceito de ciências do homem, porque também algumas ciências naturais, tal como a fisiologia, têm o homem como seu objeto de pesquisa.

A relação que as ciências humanas mantêm com o seu objeto é – assim afirma Dilthey – compreensiva. O lado físico dos processos humanos é “reprimido” por elas “ao mero papel de condições, de meio de entendimento”, i. e. – com outras palavras – “é a direção à reflexão sobre si mesmo, é a marcha da compreensão de fora para dentro”, por via da qual as ciências humanas são caracterizadas na sua prática de investigação. Como Dilthey afirma, essa tendência agente nas ciências humanas “faz uso de cada expressão de vida para a apreensão do interior, da qual ela provém”. Para as ciências humanas é agora significativa que os processos externos investigados por elas, tais como os históricos, surjam de uma vivência a elas imanente. E essa tendência ao apenas “vivenciável, inacessível aos sentidos” não é carregada de fora para dentro da vida, mas já está “fundada na vida mesma”, pois – de acordo com a sua tese – “neste vivenciável está contido cada valor da vida, em torno deste gira todo o ruído da história”. (DILTHEY, 1927, p. 82).

Nessa passagem se mostra a diferença decisiva em relação à natureza: “Aqui entram propósitos, dos quais a natureza nada sabe. A vontade elabora desenvolvimento, concepção. E neste mundo criador, responsável, soberano e que se move em nós, e apenas nele, a vida tem seu valor, seu propósito e seu significado.” (DILTHEY, 1927, p. 82) Como Dilthey formula complementarmente em outra passagem, o objeto das ciências humanas surge verdadeiramente “apenas por meio de uma relação especial com a humanidade, que [...] é fundada na sua essência”. (DILTHEY, 1927, p. 84).

As ciências naturais pesquisam as sentenças do mundo físico, ou seja, constroem o objeto da natureza “como uma ordem de acordo com sentenças”, tendo em conta que Dilthey reafirma a auto eliminação do pesquisador como condição necessária desta pesquisa. O “caráter de vivência” de nossa experiência da natureza é eliminado em favor de um “entendimento abstrato” da natureza “segundo as relações de espaço, tempo, massa e movimento”. (VII, p. 83).

Em oposição a isso está a tendência das ciências humanas. Aqui o homem se volta “à vida, a si mesmo”. Ciências humanas são, com isso, caracterizadas por esse “retorno do homem à vivência, [...] à vida, na qual aparecem apenas significado, valor e propósito”. (DILTHEY, 1927, p. 83).

Ao lado da natureza, que, por meio das ciências da natureza, se tornam para o homem “o centro da realidade”, surge assim um segundo centro: “Tudo que vem de encontro à humanidade, que ela criou e do que ela trata, os sistemas de propósitos, nos quais ela corre solta, as organizações exteriores da sociedade, às quais os homens individuais se agrupam – tudo isso contêm apenas aqui uma unidade. A partir do dado por meio dos sentidos na história da humanidade, a compreensão retorna àquilo que nunca se dá nos sentidos e ainda assim se efetiva e se expressa nesse exterior”. (DILTHEY, 1927, p. 83).

Meta das ciências humanas é uma “reflexão do homem sobre si mesmo”, e a compreensão se torna assim o seu conceito de base. Na compreensão existe, segundo Dilthey, uma relação “entre a aparição exterior dos sentidos da vida e aquilo que ela traz, que nela se expressa” (DILTHEY, 1927, p. 83), e objetos da pesquisa das ciências humanas se diferenciam assim dos objetos da natureza, já que eles – tal como o homem mesmo – sempre “[contêm] a relação de um lado exterior sensível a um extraído dos sentidos e, com isso, interno”. (DILTHEY, 1927, p. 84).

Esse interior, o próprio objeto das ciências humanas, é o “espírito”, que está em correlação àquilo que Dilthey chama de “expressão”. Partes da realidade cultural – Dilthey cita como exemplo os elementos da esfera do direito (DILTHEY, 1927, p. 84) – são “expressão” cada uma de “contextos”

específicos, que articulam interesses de comunidades. A compreensão desse espiritual – de acordo com Dilthey – “não é conhecimento psicológico”, mas muito mais “o retorno a uma construção espiritual desde uma estrutura própria a ele e legitimidade”. Dito de outro modo: o objeto da jurisprudência, que vale de exemplo para o complexo das ciências humanas, não é idêntico aos “fatos e dados, por meio dos quais e nos quais o direito acontece”. Eles se tornam objeto das ciências do homem apenas no que elas “realizam o direito”. (DILTHEY, 1927, p. 85).

O mesmo vale para de algum modo também para os estudos de literatura. Ela se interessa não pelo “lado exterior” da literatura, i. e. pelas letras trazidas em sentenças em sequência, impressas por máquinas, mas seu interesse se direciona à relação desse contexto óbvio de palavras com o que é expresso nelas”. Expresso num texto de uma poesia são, segundo Dilthey, “não os processos internos no poeta, mas sim um contexto neles criador, mas deles separável”. O objeto com o qual a ciência da literatura ou a poética lidam é conseqüentemente “totalmente diferente de processos psíquicos no poeta ou no seu leitor”. No texto investigado muito mais “se realiza um contexto espiritual que entra no mundo dos sentidos e que nós compreendemos por meio do retorno partindo desse mundo dos sentidos”. (DILTHEY, 1927, p. 85).

Diferentes processos constituem, com isso, as tendências científicas divergentes: no conhecimento nas ciências naturais “surge” o objeto físico, na compreensão nas ciências humanas o objeto espiritual. Se a humanidade fosse meramente percebida e conhecida ao modo das ciências da natureza – seguindo o argumento de Dilthey -, ela permaneceria apenas como um objeto físico; ela se torna um objeto das ciências humanas apenas no que, como objeto das ciências humanas ela surge apenas “conquanto estados humanos sejam vivenciados, enquanto eles alcancem em exteriorizações de vida a expressão e no que essas expressões sejam compreendidas”. (DILTHEY, 1927, p. 86).

As ciências humanas tem o seu solo assim no “contexto de vivência, expressão e compreensão” (DILTHEY, 1927, p. 86), e uma ciência pode por conseguinte ser tida como parte das ciências humanas, “quando seu objeto nos for acessível pela relação que é fundada no contexto de vida, expressão e compreensão”. (DILTHEY, 1927, p.87). O motivo decisivo, pelo qual as ciências do mundo sócio-histórico, segundo Dilthey, possam com direito ser apontadas como ciências humanas, reside por conseqüência nessa tendência a se “retornar da humanidade, do espírito objetivo realizado por ela ao criador, valorizador, capaz de lidar e de se expressar, objetivador de si. (DILTHEY, 1927, p. 87).

A vivência e a compreensão constroem a base das ciências humanas, seu objeto é a esfera da expressão, o espírito objetivo, o espiritual expresso ou

objetivado, i. e. o mundo espiritual. As ciências humanas geram “o conhecimento objetivo do mundo espiritual” na base de vivência e compreensão por uma “sequência gradual de desempenhos”. (DILTHEY, 1927, p. 88). E a análise dessa sequência de desempenhos se localiza no ponto central da teoria das ciências humanas propriamente dita de Dilthey, que se localiza no centro da *Construção* e que ele – por assim dizer, paradigmaticamente – desenvolve com o exemplo das ciências humanas.

Com a sua tentativa de um “conhecimento da possibilidade do saber objetivo nas ciências humanas” (DILTHEY, 1927, p. 114), Dilthey direciona a colocação da pergunta epistemológica às ciências do homem, que não foi colocada por Humboldt, Gervinus, Ranke e Droysen nas suas contribuições a uma teoria da história. (DILTHEY, 1927, p. 112-115). Com isso, ele posiciona sua própria tentativa de solução da tarefa de “fazer valer o questionamento da história em oposição a um tal puramente epistemológico e lógico” (DILTHEY, 1927, p. 115) dentro de um movimento científico, que, diferentemente daquelas orientações filosóficas que procuravam abordar a tarefa colocada fazendo recurso a Kant e Fichte ou Hegel (DILTHEY, 1927, p. 115 e seguintes), “rejeita todo princípio transcendental e metafísico para o entendimento do mundo espiritual”. Essa orientação, a qual Dilthey inclui também o positivismo de Comte e de Mill, “nega o valor do método transcendental e metafísico”. Ela nega cada saber de um valor incondicionado, de uma norma válida por excelência, de um plano divino ou de um contexto de razão fundado no absoluto. Essa visão empírica radical tem também consequências metodológicas: “No que ela reconhece sem fronteiras a relatividade de cada dado humano, histórico, ela tem como sua tarefa ganhar, a partir da matéria do dado, ganhar um saber objetivo sobre a realidade espiritual e o contexto de suas partes. Apenas a combinação dos diferentes tipos do dado e dos diferentes modos de procedimento lhe permanecem à disposição para a solução dessa tarefa.” (DILTHEY, 1927, p. 116).

Para a análise concreta da construção das ciências humanas, o seu fundamento na vivência e na compreensão é decisivo. Com isso, a explicação sobre a compreensão é de especial importância. A principal determinação da compreensão é a constatação de que ela penetra em expressões de vida estranhas através de uma – como Dilthey a chama – “transposição da plenitude das próprias vivências”. O vivenciar, ou seja, as vivências se tornam assim a primeira pressuposição para a possibilidade da compreensão. A compreensão tem a ver, como todas as operações nas ciências humanas, com “sentido e significado, que eles (os fatos exteriores, HUL) adquiriram através do efeito do

espírito”, e cada operação das ciências humanas “serve à compreensão, que abrange esse significado, esse sentido”. (DILTHEY, 1927, p. 118).

A compreensão não é – como Dilthey afirma – apenas um comportamento metódico especial; o exterior, que constitui o objeto da compreensão, não é apenas objeto da natureza, i. e. o objeto das ciências da natureza, mas se diferencia deste: “O espírito se objetivou neles [nos objetos exteriores, HUL], propósitos se construíram neles, valores neles se realizaram, e exatamente este espiritual, que se construiu neles, abrange a compreensão.” (DILTHEY, 1927, p. 118).

Diferentemente do conhecimento das ciências naturais, “a totalidade da compreensão da nossa vida é sempre presente” na compreensão. Para além disso, existe entre os objetos exteriores, nos quais o espiritual se realizou, e eu, o compreendedor, uma “relação de vida”: “Sua finalidade é baseada no meu estabelecimento de propósitos, sua beleza e bondade na minha valoração, sua compreensibilidade no meu intelecto.” Além disso – diferentemente das ciências naturais – os conceitos, os juízos universais e as teorias gerais não são hipóteses sobre algo a que nós relacionamos impressões exteriores, mas muito mais “descendentes da vivência e da compreensão”. (DILTHEY, 1927, p. 118).

Assim vem à tona a diferença fundamental entre as ciências naturais e as ciências humanas e suas construções. Na natureza exterior o contexto é “submetido às aparências em uma ligação de conceitos abstratos”, o contexto da natureza é, com isso, abstrato. O conceito do mundo espiritual, por outro lado, é vivenciado e compreendido posteriormente, o contexto anímico e histórico é, assim, vívido, saturado de vida. (DILTHEY, 1927, p. 119). Enquanto as ciências da natureza completam os fenômenos por meio de projeção de pensamento (*Hinzugedachtes*), as ciências humanas classificam, no que elas “traduzem de volta” a realidade exterior humano-histórico-social “à vivacidade espiritual da qual ela se originou”. Nas ciências da natureza se recorre à fundamentos de explicação hipotéticos para a individuação, nas ciências humanas “as causas” da individuação são experimentadas “na vivacidade”. (DILTHEY, 1927, p. 120).

As ciências humanas repousam – com Dilthey explica – na “relação de vivência, expressão e compreensão”. A vida, i. e. “um contexto que abrange o gênero humano” ou “um fato próprio ao mundo humano”, é a quintessência daquilo que nos “vem ao encontro em vivência e compreensão”. (DILTHEY, 1927, p. 131). Entretanto a vida é, para Dilthey, não apenas o ponto de partida das ciências humanas, mas também da filosofia. (DILTHEY, 1927, p. 131).

As ciências humanas são caracterizadas de início por essa relação com a vida, i.e. elas partem – como Dilthey indica – “da vida e do individual e do coletivo”, pois “vida, experiência de vida e ciências humanas se encontram num

constante contexto interno e interação”,⁴ o que Dilthey expressa por meio da sua famosa fórmula “Vida abrange vida”. (DILTHEY, 1927, p. 136).

Também aqui vale uma profunda diferença em relação às ciências naturais: enquanto “o contexto entre vida e ciência” é constitutivo para as ciências humanas, o pensamento das ciências da natureza é apartado do nosso relacionamento diário com a natureza e os seus desempenhos são – segundo Dilthey – “esotéricos”. (DILTHEY, 1927, p. 136).

Porque as ciências humanas se baseiam no contexto de vivência, compreensão e experiência de vida, essa saída desde a vida o “primeiro trato essencial na estrutura das ciências humanas”. (DILTHEY, 1927, p. 137). A segunda relação fundamental é exposta quando uma análise seguinte da compreensão mostra que, por um lado, à condição fundamental pertence uma “experiência de base da totalidade”, que consiste entre indivíduos. (DILTHEY, 1927, p. 141). Por outro lado, a compreensão, entretanto, precede “o aproveitamento de *verdades* das ciências humanas” (DILTHEY, 1927, p. 142), o que Dilthey elucida de modo exemplar na tarefa da compreensão de uma pessoa histórica, pois uma tal tentativa de compreensão tem que remeter a resultados gerais de pesquisas que dizem respeito ao pano de fundo histórico, político ou religioso da figura a se compreender.

Dilthey consegue, com isso, manter a dupla relação que reside na compreensão: “O compreender pressupõe uma vivência e a vivência se transforma em experiência de vida apenas no que o compreender guia para fora da estreiteza e da subjetividade da vivência à região do todo e do geral. E assim a compreensão demanda da personalidade individual para a sua completude o saber sistemático, tal como, por sua vez, o saber sistemático é dependente da apreensão vivencial da unidade de vida individual.” (DILTHEY, 1927, p. 143).

Com isso, a partir do processo de compreensão, tudo nas ciências humanas é determinado por meio da “relação de dependência mútua”. (DILTHEY, 1927, p. 143). Uma interação constitutiva, reciprocidade ou circularidade determina desse modo, em oposição à construção linear das ciências da natureza, a construção das ciências humanas.

Assim, a segunda relação fundamental é essa “circulação de vivência, compreensão e representação do mundo espiritual em conceitos gerais”. (DILTHEY, 1927, p. 145). E essa relação fundamental é também de grande significância em termos metódicos: Já que, partindo do compreender, vivência, vivência póstuma e verdades gerais estão ligadas, o método das ciências humanas se move em uma “dupla direção”: “Indo em direção ao único, ele vai

⁴ Para mais informações sobre o conceito de experiência de vida, Cf. VII, p. 132 e seguintes.

da parte para o todo e, de volta, deste para a parte, e em direção ao geral, consiste a mesma interação entre este e o individual.” (DILTHEY, 1927, p. 146). Essa interação entre parte e todo é também indicada como “círculo hermenêutico”, que é de significado central tanto para ontologia fundamental de Heidegger como para a hermenêutica filosófica de Gadamer.

Paralelos interessantes com a filosofia da cultura moderna, como em Ernst Cassirer, surgem agora, quando Dilthey fala sobre o campo do objeto das ciências humanas, que se opõem como polo à subjetividade da vivência. Dilthey chama esse campo do objeto de “objetivação” ou “objetivação da vida”. Com esses conceitos, Dilthey aponta para a “objetividade da vida”, i.e. sua “exteriorização em múltiplos contextos estruturais”. Isso é – em outras palavras – “o reino exterior do espírito”, a “manifestação da vida”, essa “realidade exterior do espírito”. Essa “realização do espírito no mundo dos sentidos” alcança “da fugidia expressão à soberania secular de uma constituição ou de um livro de leis”. (DILTHEY, 1927, p. 146).

Essa objetivação da vida contém em si uma “multiplicidade de ordens seccionadas” (DILTHEY, 1927, p. 147), que se tornam objeto do “sistema das ciências humanas do homem, que se constituem autonomamente”, e que tematizam “língua, economia, estado, religião e arte”. (DILTHEY, 1927, p. 146).

Com a introdução do conceito de objetivação da vida, Dilthey pode completar seu conceito das ciências humanas: “Sua extensão abrange tanto quanto a compreensão, e a compreensão tem agora seu objeto uniforme na objetivação da vida.” Ou, com outras palavras: “Apenas o que o espírito produziu ele entende. A natureza, o objeto das ciências humanas, abrange a realidade produzida independentemente do efeito do espírito. Tudo em que o homem, em sua ação, imprimiu sua marca, monta o objeto das ciências humanas.” Isso significa “que *tudo no que o espírito se objetivou* cai no âmbito das ciências humanas.” (DILTHEY, 1927, p. 148).

No entanto, esse reino do “espírito objetivo” (DILTHEY, 1924, p. 148) é agora, segundo Dilthey, não com em Hegel, uma construção metafísica, e Dilthey não empreende a tentativa de se entender o espírito objetivo racionalmente. Mas sim ele busca compreendê-lo através de um retorno ao “contexto de estrutura das unidades de vida, que continuam na sociedade”. (DILTHEY, 1927, p. 150). Desta maneira, o “indivíduo ator” se torna produtor do espírito objetivo, e “nele são apreendidos língua, costume, cada modo de forma de vida, de estilo de vida tanto quanto família, sociedade civil, estado e direito”. (DILTHEY, 1927, p. 151) Por outro lado, contudo, o indivíduo se encontra em contextos históricos e sociais, i. e. é elemento do espírito objetivo.

O homem é, assim – como o filósofo da cultura Michael Landmann formulou – “criador e criatura da cultura”. (LANDMANN, 1961).

As ciências humanas investigam esse “mundo do espírito, o mundo tanto quanto o mundo social”. (DILTHEY, 1927, p. 152). Com isso, o mundo social é objeto das ciências chamadas por Dilthey de ciências do sistema da cultura e ciências da organização exterior da sociedade. Fazem parte dos sistemas da cultura “economia, direito, filosofia, arte, religião”. Elas indicam “contextos do efeito de diferentes pessoas com desempenho em comum”. (DILTHEY, 1927, p. 153).

Dilthey entende mundo espiritual como um contexto de efeito ou como um contexto “que está contido em seus *produtos* duradouros” e as ciências humanas “têm seu objeto nesse contexto de efeito e suas criações”. (DILTHEY, 1927, p. 153).

Esse contexto do efeito do mundo espiritual possui sua diferença em relação à relação causal da natureza, posto “que ele produz *valores* e realiza *propósitos*. E, em verdade, não ocasionalmente, não aqui e ali, mas sim é justamente a estrutura do espírito em seu contexto de efeitos no fundamento do entender a produção de valores e a realização de propósitos.” Daí Dilthey se sentir no direito de chamar isso de “caráter imanente-teleológico dos contextos de efeitos espirituais”. (DILTHEY, 1927, p. 153).

Nas considerações dos contextos de efeito do mundo espiritual, é decisivo que Dilthey os leve de volta, bem como os variados sistemas da cultura, ao contexto da estrutura da vida anímica, fundamentando-a antropológico-psicologicamente.

Por conseguinte, são os “portadores dessas criações contínuas de valores e bondades no mundo espiritual [...] indivíduos, sociedades, sistemas de cultura, nos quais os individuais agem em conjunto”. (DILTHEY, 1927, p. 153s.) O agir em conjunto dos indivíduos nos sistemas da cultura individuais é, de acordo com Dilthey, “determinado no que eles se subsumam a regras para a realização e valores e se coloquem propósitos. Com isso, em cada modo do agir em conjunto está uma relação de vida, que se encontra em conjunto com a essência do homem e conecta os indivíduos uns com os outros”. A obtenção dos diferentes contextos de efeito “é determinada por meio do contexto estrutural entre o entender, os estados psíquicos que são expressos na valoração e aqueles que consistem na colocação de propósitos, bondades e normas”. (DILTHEY, 1927, p. 154).

Cada contexto de efeitos realiza, por isso, desempenhos culturais, no que determinados processos em determinados indivíduos estejam ligados a determinados desempenhos (DILTHEY, 1927, p. 166s.), e ele possui uma

determinada estrutura e desenvolvimento. (DILTHEY, 1927, p. 169, p. 172s. e p. 187s.)⁵ E essa criação, que se completa nos indivíduos, nas sociedades, nos sistemas da cultura e nas nações, e a cada vez “sob condições da natureza”, chega às ciências humanas “para a reflexão sobre si mesmas”. (DILTHEY, 1927, p. 154). Ciências humanas são, com isso, instrumentos da auto-reflexão humana e elas abrangem o mundo espiritual “na foram de contextos de efeito”. (DILTHEY, 1927, p. 156).

Ao lado do conceito de objetivação da vida ou do de espírito objetivo, o termo contexto de efeito se torna, deste modo, mais um conceito fundamental da teoria diltheyana das ciências humanas.

Para a teoria de Dilthey é significativo seu entendimento de que é sempre a “tendência ou força do impulso” agente na estrutura do indivíduo, que se comunica “com todas as criações postas em conjunto do mundo espiritual”. (DILTHEY, 1927, p. 157). Essa tendência ou força do impulso não é, contudo, uma energia, força ou potência transcendental, mas sim a estrutura antropológico-psicológica do homem, que Dilthey desenvolve mais detalhadamente no já mencionado livro *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica*.

Na pesquisa dos contextos de efeitos individuais, como dos produtos duradouros, provindos desses contextos – Dilthey enumera “imagens, estátuas, dramas, sistemas filosóficos, escritos religiosos, livros de lei” –, entrelaçam-se variados métodos: “Indução, que detecta fatos e seções causais; síntese, que, com ajuda da indução, coloca juntos contextos causais; análise, que separa contextos de efeito individuais; comparação”. (DILTHEY, 1927, p. 158). Paralelamente a essa tendência à pesquisa do contexto, encontra-se nas ciências humanas aquela que comunica regularidades nos contextos de efeito, nos quais também aqui se faz valer a circular ou “hermenêutica” relação fundamental, produzida por Dilthey para as ciências humanas, “de dependência recíproca dos modos de procedência”. (DILTHEY, 1927, p. 158).

CONCLUSÃO

Chegamos a um fechamento. Onde reside hoje para nós o valor da filosofia de Dilthey para as ciências humanas? Após cem anos de um meteórico desenvolvimento e construção teórico-científica, mas também das ciências humanas, ele ainda é significativo? Eu acredito que ele seja, especialmente na

⁵ Dilthey apresentou na Introdução uma análise detalhada dos sistemas da cultura e das organizações exteriores da sociedade. Cf. I, p. 43-86.

nossa situação hoje, de uma atualidade inevitável, não apenas porque ele elaborou os fundamentos das ciências humanas, mas também porque ele quis salvar a independência, a autonomia do mundo espiritual e suas ciências do materialismo de Ernst Haeckel e Ludwig Büchner e do positivismo e do empirismo de Auguste Comte e John Stuart Mill. Já que, como ele dizia, os pensadores citados “mutilam” com o seu naturalismo e suas metodologias de unidade o mundo cultural. (DILTHEY, 1914; DILTHEY, 1977).

Contemporaneamente, encontramos-nos em uma situação assombrosamente parecida com aquela de Dilthey, por volta do fim do século XIX: inúmeras posições naturalistas, começando pela pesquisa do cérebro, passando por representantes da filosofia analítica, até os defensores do neo-materialismo, colocam de modo radical em questão com grande ressonância nas mídias a aceitação/suposição da liberdade da vontade humana e, com isso, a soberania da pessoa, bem como a tese de uma independência do espírito de processos naturais e, assim, a da realidade cultural. A argumentação de Dilthey contra um tal monopólio ou negação naturalista da realidade cultural, hoje em voga, bem como a sua tentativa de fundamentação das ciências humanas como um grupo de ciências autossuficiente, independente das ciências naturais, - assim penso - podem ainda hoje dar um grande impulso em um debate, no qual está em jogo não mais nem menos do que a pergunta central, que vem de encontro a nós todos, acerca do modo como vemos a nós mesmos.

REFERÊNCIAS

- DILTHEY, W. Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften. In: *Gesammelten Schriften*. Bde. 7. (Hrsg.) Bernhard Groethuysen. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1927.
- _____. Die geistige Welt. Einleitung in die Philosophie des Lebens. Zweite Hälfte: Abhandlungen zur Poetik, Ethik und Pädagogik. In: *Gesammelten Schriften*. Bd. 6. (Hrsg.) Georg Misch. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1924.
- _____. Die Wissenschaften vom Menschen, der Gesellschaft und der Geschichte. Vorarbeiten zur Einleitung in die Geisteswissenschaften (1865-1880). In: *Gesammelten Schriften*. Bd. 18. (Hrsg.) Helmut Johach; Frithof Rodi. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1977.
- _____. Einleitung in die Geisteswissenschaften. Versuch einer Grundlegung für das Studium der Gesellschaft und der Geschichte. In: *Gesammelten Schriften*. Bd. 1. (Hrsg.) Bernhard Groethuysen. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1914.
- _____. Zur Geistesgeschichte des 19. Jahrhunderts. Aus "Westermanns Monatsheften": Literaturbriefe, Berichte zur Kunstgeschichte, verstreute Rezensionen 1867-1884 In: *Gesammelten Schriften*. Bd. 17. (Hrsg.) Ulrich Herrmann. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1974.

GRÜNDER, K. Zur Philosophie des Grafen Paul Yorck von Wartenburg. In: *Aspekte und neue Quellen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht Verlag, 1970.

LANDMANN, M. Der Mensch als Schöpfer und Geschöpf der Kultur. In: *Geschichts- und Sozialanthropologie*. München/Basel: Reinhardt, 1961.

LESSING, H.-U. Die Idee einer Kritik der historischen Vernunft. In: *Wilhelm Diltheys erkenntnistheoretisch-logisch-methodologische Grundlegung der Geisteswissenschaften*. Freiburg/Munich: Alber, 1984, p.24-54.

Submetido: 27 de agosto de 2018

Aceito: 13 de setembro de 2018